

# REFLEXOS DA INTRODUÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS DE PRODUÇÃO SOBRE O DESEMPREGO

**Leonardo Secchi**

Universidade Federal de Santa Catarina - Campus Universitário - Trindade  
Caixa Postal 476 - CEP88040-900 - Florianópolis - Santa Catarina

**Valeska Nahas Guimarães**

Universidade Federal de Santa Catarina - Campus Universitário - Trindade  
Caixa Postal 476 - CEP88040-900 - Florianópolis - Santa Catarina

**ABSTRACT:** *The present research had as objectives: to identify the consequences of the introduction of new technologies of production on the unemployment in the shoe industry of the state of Santa Catarina; to analyse the overall situation of this kind of industry in the state of Santa Catarina; to compare the data that were founded with the same kind of industry in the states of São Paulo, Rio Grande do Sul and Minas Gerais. The research in its first phase had an exploratory/descriptive type, and secondly were undertaken comparative case studies from four selected companies established in Santa Catarina.*

**Area:** Gestão da Tecnologia

**Sub-área:** Impactos Tecnológicos

**Key words:** Unemployment; New technologies of production; Shoe industry;

## 1 APRESENTAÇÃO

A observação dos fatos, o apontamento de tendências e o estudo da situação atual do mercado de trabalho especialmente nas indústrias vêm mostrando, em todos os países, uma questão que muito deve ser analisada: o desemprego.

Entre os fatores que geram desemprego nas indústrias estão a competitividade, as novas formas de organização do trabalho (NFOT), a globalização da economia e as inovações tecnológicas. Exatamente a relação entre as inovações tecnológicas de produção da indústria calçadista de Santa Catarina e o desemprego deste setor foi estudado nesta pesquisa. Também foram objetivos desta pesquisa fazer uma comparação com os setores calçadistas de outros estados (SP,RS,MG), analisar a situação geral e atual do setor e o nível tecnológico da produção industrial de calçados em Santa Catarina.

A quase inexistência de informações ou pesquisas sobre o setor industrial de produção de calçados em Santa Catarina, principalmente sobre o aspecto da introdução de novas tecnologias de produção (NTP), fez a pesquisa se tornar-se mais interessante pois tratou de um assunto inédito.

A pesquisa em questão apoiou o projeto integrado: *Participação do Trabalhador e Inovação na Indústria: Estudo Multidisciplinar nos Estados de SC E RS* desenvolvido por uma equipe interdisciplinar de professores pesquisadores da UFSC e UFRGS. Entre os pesquisadores encontra-se a Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Valmíria Carolina Piccinini uma das maiores pesquisadoras do setor calçadista do Brasil.

A metodologia empregada fez uso de um estudo exploratório/descriptivo e em uma segunda fase realizou estudos de caso em empresas do setor calçadista de Santa Catarina.

Em uma etapa preliminar (exploratória) foi feito um estudo da situação geral do setor calçadista catarinense através de coleta de informações em instituições competentes

(FIESC, SENAI, SEBRAE), professores e pesquisadores da UFSC e bibliografia disponível.

Questionários semi-estruturados (43 no total) foram aplicados sobre uma amostra das empresas do setor calçadista de Santa Catarina. Finalmente foi feita a seleção de quatro empresas (amostragem intencional) segundo os seguintes critérios: 1. *porte da empresa (preferencialmente pequeno ou médio)*; 2. *viabilidade de visita*; Após a seleção foram as visitas para a complementação e aprofundamento de informações. Nessa etapa foram aplicadas entrevistas e observação “in loco”.

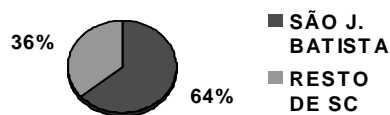
## 2 O RAMO INDUSTRIAL DE CALÇADOS DE SANTA CATARINA

Aproximadamente em 1955 começaram a surgir, no Vale do Rio Tijucas, as primeiras empresas de produção de calçados em Santa Catarina. Estas empresas foram fundadas por grupos familiares, alguns provindos da região calçadista do Rio Grande do Sul. Este caráter de empresas familiares mantém-se até hoje.

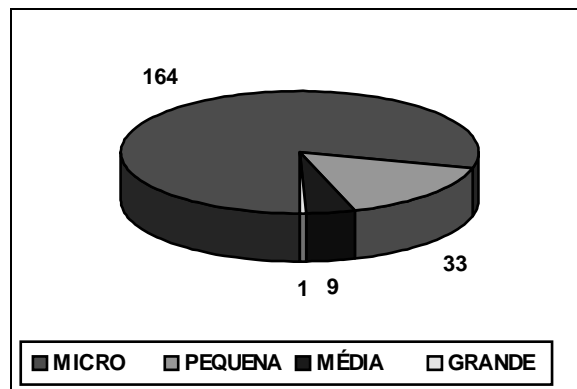
A indústria de calçados catarinense, desde sua instalação, apresenta períodos cíclicos de atuação devido à agentes externos tais como planos econômicos dos governos federal e estadual, entrada de produtos importados, competitividade com outras indústrias nacionais.

Segundo dados da FIESC, o setor calçadista catarinense possui, atualmente 207 empresas gerando emprego para 4.020 pessoas. Segundo dados primários, fornecidos através de entrevistas e visitas aos principais pólos industriais calçadistas do estado, o número de empresas é inferior ao estimado pela FIESC. Calcula-se que o número de indústrias deste setor atualmente está em torno de 95 para todo o estado de Santa Catarina.

**Gráfico 1: Porcentagem de empresas de calçados em SC \***



**Gráfico 2: Número de empresas no setor calçadista de SC \***



\* FONTE: FIESC/SEBRAE

Observa-se que o município de São João Batista é o maior pólo industrial calçadista de Santa Catarina pois possui mais da metade das empresas do ramo no estado. Nota-se ainda que grande parte das empresa tem porte de microempresa , mas a distribuição dos trabalhadores é razoavelmente homogênea entre os quatro portes.

Grande parte da produção catarinense de calçados é destinada para o público feminino, abastecendo, principalmente, Santa Catarina e outros estados do Sul e Sudeste do Brasil. A produção proveniente do pólo sul calçadista, na sua maioria é destinada para as exportações.

O nível tecnológico destas indústrias é ainda muito rústico. As tecnologias são baseadas na eletro-mecânica e no trabalho manual, artesanal.

Uma das características do setor industrial calçadista que mais chamou a atenção é a falta de estrutura e organização dos sindicatos patronais instalados em São João Batista e Criciúma. Nestes sindicatos não existem dados precisos sobre a quantidade de empresas calçadistas em sua região. Observa-se a ausência de união entre os empresários deste setor.

No Rio Grande do Sul, e mais recentemente no estado de Santa Catarina foram criadas cooperativas de mão-de-obra para o setor. Há três tipos destas cooperativas:

- a) *Terceirização de mão-de-obra*: disponibilizam mão-de-obra para o setor;
- b) *Cooperativas empresas*: possuem produção e comercialização própria e competem no mercado;
- c) *Cooperativas de exportação*: fabricam produtos que são comercializados por agentes exportadores.

No estado de Santa Catarina nasceram também os “ateliês”, que são facções que fabricam partes integrantes dos calçados às indústrias maiores, que por sua vez juntam as partes e montam o calçado. Os “ateliês” já existiam no RS antes da crise. “Nesta relação, as empresas de grande e médio porte aparecem como contratantes, e pequenas e micro empresas como subcontratadas, aqui denominadas, em função de suas características predominantemente artesanais, de ateliês”. RUAS, in FENSTERSEIFER (1995, p.71)

A indústria calçadista catarinense, da mesma forma que a nacional, passou por momentos de instabilidade entre 1992 e 1995. A defasagem cambial e a entrada dos produtos chineses (bem mais baratos) no mercado interno e nos EUA (maior importador de calçados brasileiros) provocou a quebra de inúmeras empresas e profunda crise em outras. O saldo foi a demissão de trabalhadores e perceptíveis mudanças no cenário dos grandes pólos industriais calçadistas do país.

A crise do setor calçadista também trouxe efeitos positivos. As empresas que permaneceram no mercado amadureceram e estão mais sólidas do que antes. A crise foi necessária para despertar o setor calçadista no sentido da globalização dos mercados que exige maior qualidade, dinâmica e profissionalismo das empresas.

Em 1994 foi criado o Programa Nacional dos Calçados por entidades representativas do setor com o objetivo de estabelecer metas e diretrizes no âmbito nacional Este programa propõe a atitude conjunta entre os empresários para elevar o nível de produção e exportação dos calçados brasileiros.

Com estas mudanças, apontadas acima, o setor calçadista vêm apresentando melhoras gradativas no volume de produção e no valor exportado, porém ainda não atingiu os números alcançados antes da depressão setorial.

### **3 PÓLO CALÇADISTA DO SUL DO ESTADO**

Segundo principal pólo de produção de calçados do estado de Santa Catarina, a região sul possui suas principais empresas calçadista nas cidades de Criciúma (quatro

empresas), Sombrio (10 empresas), Araranguá (quatro empresas) e Praia Grande (duas empresas).

Este pólo industrial iniciou sua história com o advento de profissionais da área dos calçados do Rio Grande do Sul para Santa Catarina e com a iniciativa e ousadia de sapateiros da região que montaram suas empresas. O pólo calçadista do sul catarinense sempre se caracterizou por vender seus produtos para o exterior, principalmente para os Estados Unidos e alguns países europeus. As vendas dos calçados para o exterior são intermediadas por agentes exportadores, ou seja, empresas que possuem contatos com o mercado externo e fazem o serviço de venda dos calçados, tramitação burocrática para exportação, acompanhamento da moda e dos consumidores no exterior. Os maiores concorrentes das empresas calçadistas do sul do estado no mercado internacional são empresas portuguesas, romenas e mexicanas que concorrem em um mesmo patamar de qualidade e preço (R\$ 10 à 12).

A produção dos calçados caracteriza-se por sapatos com base em couro e sintéticos, calçados de modelo esportivo e tênis. Uma projeção estatística da produção de calçados da região sul catarinense pode ser feita através de dados fornecidos pelo presidente do sindicato das indústrias calçadistas do sul do estado tendo o volume de produção diária em torno de 8.000 pares de calçados.

Mesmo sendo um pólo caracteristicamente exportador de calçados, a região sul catarinense não possui uma participação expressiva no volume de calçados exportados em todo o Brasil. Supondo que toda a produção de calçados deste pólo (176.000 pares/mês) fosse exportada, a média de exportação nacional está em torno de 13.000.000 pares/mês, segundo dados da ABAEX (Associação Brasileira dos Exportadores de Calçados e Afins).

O número de empresas na região está em torno de 25, a maioria pequenas e microempresas, sendo que a maior é a Calçados Águia com 150 empregados. Esta região emprega diretamente 1.000 trabalhadores aproximadamente.

O parque industrial calçadista da região sul catarinense é obsoleto e o nível tecnológico é baixo. Através de informações colhidas através de questionários, entrevistas e observação pessoal pôde-se notar que a base tecnológica das máquinas fabricantes de calçados é a eletro-mecânica e, às vezes, utiliza-se o trabalho manual. Apenas uma empresa apresentou possuir alguma inovação tecnológica considerável. Porém, esta inovação não foi feita no processo produtivo do calçado, apenas foi uma aquisição de uma máquina de bordagem assistida por computador que auxilia no enfeite final do calçado.

A questão do desemprego observada no pólo calçadista do sul do estado de SC é um assunto interessante e triste. Antes de 1992 as empresas, apesar das dificuldades, sobreviviam das vendas de seus produtos para o mercado externo. Naquela época havia na região aproximadamente 35 empresas gerando emprego para 6.000 trabalhadores (Diário Catarinense, 28/01/97). Planos econômicos como o Plano Collor e o Plano Real, defasagem cambial do dólar perante a moeda nacional, globalização da economia, defasagem tecnológica gerando aumento nos custos de produção, desinteresse e esquecimento do governo estadual em apoiar o setor através de financiamentos e redução dos impostos, despreparo das empresas para enfrentarem as dificuldades são alguns dos fatores que influenciaram positivamente para o desaparecimento de várias empresas e a demissão em massa de milhares de trabalhadores na região.

Índices precisos de desemprego na região não foram encontrados devido a desorganização do setor e falta de dados confiáveis fornecidos por instituições de pesquisa e instituições relacionadas com o setor calçadista catarinense.

Hoje o número de empresas calçadistas neste pólo reduziu-se quase pela metade, o número de empregos é um sexto do número de empregos em 1992 e descaracterizou-se a região sul de Santa Catarina como pólo industrial calçadista.

Mesmo após o “boom” ocorrido com o Plano Real, algumas empresas insistem em confiar no sucesso do ramo calçadista na região. As empresas que permaneceram produzindo calçados estão mais sólidas, houve uma “seleção natural”, porém a concorrência externa continua muito grande e a adoção de uma estratégia de vendas para o mercado interno levaria tempo para obter sucesso pois as marcas destas empresas não são conhecidas nacionalmente e tampouco possuem estrutura de vendas para este nicho de mercado. Para que o pólo calçadista do sul de Santa Catarina se reabilite seria necessário muita força de vontade dos empresários do setor e real apoio governamental ao setor calçadista.

#### **4 PÓLO CALÇADISTA DO VALE DO RIO TIJUCAS**

Concentrado principalmente na cidade de São João Batista, o pólo industrial calçadista do vale do Rio Tijucas é o maior produtor de calçados do estado de Santa Catarina.

As primeiras empresas calçadistas da região foram criadas por sapateiros locais e por profissionais dos setor calçadista provenientes do Rio Grande do Sul, principalmente de Novo Hamburgo. O maior contraste deste pólo industrial com o pólo sul catarinense de produção de calçados é que a região de São João Batista comercializa seus produtos nacionalmente (poucas exportações) e a região de Criciúma privilegia a venda de calçados para o exterior. As empresas instaladas no pólo de São João Batista possuem clientela já conquistada nacionalmente e equipe de vendas bem estruturadas e abrangente. O destino dos calçados deste pólo são os estados do Sul do Brasil, região Sudeste, região Centro-Oeste e alguns estados das regiões Norte e Nordeste.

Os maiores concorrentes das empresas da região do vale do Rio Tijucas, segundo as respostas dos empresários locais, são as próprias empresas ali instaladas e algumas empresas do Rio Grande do Sul e Minas Gerais que competem na venda dos calçados feminino com mesma faixa de qualidade e preço (R\$ 15 a 20).

O estilo de calçados produzidos por essas fábricas são em sua maioria calçados femininos e sandálias, estendendo suas produções para cintos, bolsas, calçados masculinos e tênis.

Dados precisos sobre a produção diária da região de São João Batista não existem pois o sindicato patronal desta região encontra-se desorganizado e nem todas empresas estão nele cadastradas. O número de empresas instaladas na região também não foi encontrado.

Dados conseguidos na FIESC, SEBRAE e diagnósticos setoriais são um tanto defasados e não condizem com a realidade atual. Fazendo-se uma projeção estatística, baseada em entrevistas com empresários da região e com o presidente do sindicato regional de fabricantes de calçados, o número de empresas ali instaladas está em torno de 60 empresas regularmente funcionando.

A capacidade produtiva, projetada também sobre estes mesmos dados, está atingindo 28.000 calçados por dia. O número de empregos diretos gerados pela região industrial calçadistas de São João Batista está em torno de 3.000 trabalhadores. As principais empresas da região, inclusive foram parte dos estudos de caso feitos pela pesquisa, são a La Monella (400 empregados e maior empresa calçadista catarinense) e a Marcelino Calçados (130 empregados) além de outras como a Calçados Tânia, Lorenzo, Dürkop, Suzana Santos, Francine.

A participação dos calçados das empresas do vale do Rio Tijucas no comércio nacional ainda é pequena se comparada aos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. Projetando uma comercialização de 600.000 pares de calçados por mês para as empresas

desta região, este valor fica ínfimo comparativamente à demanda nacional: 14.608.300 pares de calçados por mês (Dados da ABAEX para o ano de 1996).

O nível tecnológico deste pólo calçadista é muito parecido ao nível tecnológico das empresas do sul catarinense e inferior se comparado às empresas gaúchas, paulistas e mineiras. Da mesma forma que nas empresas do sul do estado, a base tecnológica das máquinas utilizadas pelas empresas calçadistas do vale do Rio Tijucas é a eletro-mecânica. Já no pólos calçadistas de Franca (SP) e Novo Hamburgo (RS) e no estado de Minas Gerais o nível tecnológico encontra-se em um patamar superior.

Estudos feitos por Piccinini (in FENSTERSEIFER, 1995) em empresas calçadistas comprovam que o nível tecnológico das máquinas utilizadas na confecção de calçados nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais é superior ao encontrado em Santa Catarina:

Em uma empresa estudada por essa pesquisadora em Belo Horizonte foi encontrado sistema CAD e em outra empresa foram identificadas máquinas de costura com CNC. Na cidade de Franca (SP) foram identificadas duas empresas equipadas com máquinas CNC e CAD. “Algumas empresas de Franca dispõe de CAD e estão obtendo bons resultados”.(PICCININI in Fensterseifer, p. 130, 1995)

No Vale do Rio dos Sinos (RS) as empresas calçadistas apresentam o nível tecnológico mais alto do país: A região “dispõe de um Centro Tecnológico (CTCCA); de uma escola de formação de técnicos para calçados do SENAI; de um curso superior em estilismo oferecido pela FEVALE, e também de um Sistema de Informações para a indústria calçadista no Centro Tecnológico do Calçado do SENAI...”. “O fato de produzirem preferentemente para o mercado externo forçou as empresas calçadistas do Vale a buscarem uma atualização tecnológica a fim de cumprirem as normas estabelecidas pelos exportadores...”. (PICCININI in Fensterseifer, p.135-36, 1995)

O estudo identificou que raras empresas haviam introduzido inovações na organização do trabalho. Estas empresas (as maiores e principais) estão começando a adotar as células de produção (eliminação das esteiras de produção), rotatividade da mão-de-obra e programas para melhorar a qualidade dos produtos. Porém, se as empresas deste pólo calçadista forem analisadas conjuntamente, pode-se observar que as inovações organizacionais foram quase insignificantes.

O desemprego ocorrido nas empresas calçadistas instaladas na região sul do estado foi muito superior ao ocorrido no vale do Rio Tijucas nos últimos 5 anos. O maior diferencial deste fato foi o destino da produção de cada pólo:

**Pólo do Vale do Rio Tijucas ⇒ Vendas nacionais**  
**Pólo do Sul do Estado ⇒ Exportação**

Os planos econômicos e a defasagem cambial do dólar frente à moeda nacional não prejudicaram muito as empresas do vale do Rio Tijucas como aquelas instaladas na região de Criciúma.

Algumas empresas realmente fecharam no pólo industrial calçadista do vale do Rio Tijucas, mas apenas aquelas que não tinham um controle razoável de seus custos de produção ou ainda empresas que concorriam diretamente com os calçados asiáticos em um patamar inferior de preço e qualidade dos produtos. Segundo o presidente do sindicato patronal das empresas do vale do Rio Tijucas, os trabalhadores desempregados com o desaparecimento de algumas empresas foram reconvertidos para outras empresas da região, as quais cresceram.

Talvez os maiores causadores de desemprego na região são os seguintes:

1. **Defasagem tecnológica:** causa acréscimos nos custos de produção e conseqüentemente eleva os preços de venda tirando competitividade dos produtos frente aos calçados gaúchos, paulistas e mineiros.
2. **Efeitos da sazonalidade:** os empresários entrevistados apontaram este fenômeno como o grande vilão dos empregos. Nos períodos de janeiro a março e de junho a agosto acontece a “entre safra”, ou seja, períodos onde as empresas diminuem o ritmo de produção por causa dos efeitos de queda da demanda. Nestes períodos as empresas, de um modo geral, demitem funcionários para baixar os custos com mão-de-obra.

Os efeitos do desemprego não foram muito sentidos nestes últimos cinco anos na região de São João Batista. Na época de picos de demanda a mão-de-obra é recontratada e os serviços de ateliês, muito procurados pelas empresas locais, são uma opção para os trabalhadores que perderam seus empregos nas fábricas. Os empresários locais, segundo as entrevistas, estão de certa forma otimistas. Se contarem com o apoio do governo e possuírem um projeto de expansão setorial bem planejado este pólo industrial poderá continuar com o *status* de principal pólo calçadista de Santa Catarina.

	Pólo Sul de SC	Pólo Rio Tijucas	Total de SC <sup>α</sup>
Empresas*	25	60	95
Empregos Diretos*	1.000	3.000	4.300
Capacidade Produtiva*	8.000/dia	28.000/dia	40.000/dia
Valor Médio do Par*	R\$ 12	R\$ 17	R\$ 15
Destino da Produção	Exterior	Brasil	-

FONTE: Dados Primários

\* Valores Estimados

<sup>α</sup> Incluindo empresas não alocadas nos principais pólos

**Tabela 1: Comparação entre os pólos calçadistas catarinenses**

É possível perceber, pelos dados fornecidos acima, que realmente o pólo industrial calçadista do vale do Rio Tijucas é o principal do estado de Santa Catarina. Estes dados foram projetados sobre informações fornecidas através de entrevistas com presidentes de sindicatos, diretores de empresas, resposta aos questionários e conversação informal com pessoas que “vivem” o setor calçadista catarinense.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desemprego pode ser considerado um dos maiores problemas sócio-econômicos da atualidade. As atitudes de políticos, empresários, Estado e da população em geral devem ser tomadas em conjunto para que nenhuma categoria fique prejudicada, e tais atitudes devem ser imediatas. Propostas e projetos para redução do desemprego ou para minimizar os efeitos negativos da exclusão da mão-de-obra (algumas abordadas neste relatório) devem ser discutidos em todos os níveis.

As tecnologias de produção que são introduzidas na indústria moderna são grandes responsáveis pelo desemprego. O desenvolvimento tecnológico tem como objetivo geral a comodidade do ser humano. O homem é “preguiçoso” por natureza. Os atuais objetivos específicos do desenvolvimento tecnológico são a otimização da produção industrial, a rapidez e eficiência nas comunicações, a geração de maior conhecimento, entre outros. No aspecto de desenvolvimento tecnológico da produção industrial (que é um dos assuntos

abordados na pesquisa) podemos notar uma evolução muito acelerada nos últimos anos nos mais variados ramos industriais devido ao advento da microeletrônica.

No ramo industrial de calçados de Santa Catarina este desenvolvimento ainda é lento. Comparativamente às empresas instaladas nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais o nível tecnológico das empresas calçadistas catarinenses é muito baixo. Mas partindo-se do princípio que o desenvolvimento tecnológico é um processo, a indústria de calçados em Santa Catarina deverá atingir melhores níveis técnicos e organizacionais gradativamente, caso isso não ocorra estas indústrias já estarão com as portas fechadas.

Teoricamente e empiricamente pôde-se chegar a conclusão que a introdução de Novas Tecnologias de Produção causou pouco ou nenhum desemprego (até porque ainda não foram introduzidas).

Houve desemprego no setor calçadista catarinense nos últimos cinco anos, porém a introdução de NTP pouco contribuíram para isso. Fatores como a defasagem cambial, a sazonalidade da venda de calçados para o mercado interno, a falta de incentivos governamentais, os efeitos da globalização dos mercados (fatores conjunturais) e, inclusive, a falta de modernização do parque industrial calçadista de Santa Catarina foram os principais provocadores de fechamento de várias empresas e eliminação de milhares de postos de trabalho.

Contudo, as empresas que sobreviveram a crise do setor calçadista entre os anos de 1992 e 1995 estão mais preparadas e atentas às variações do mercado apresentando melhoras nas vendas internas e externas nestes dois últimos anos. Para que o setor industrial calçadista de Santa Catarina volte a crescer e gerar mais empregos o apoio do governo e de instituições de fomento a indústria imprescindível. Por outro lado, os empresários deste setor deveriam buscar uma organização efetiva do setor. A união de empresários junto aos trabalhadores, sociedade e instituições governamentais para elaborar um planejamento estratégico para o setor calçadista seria de fundamental importância na consecução de uma reanimação e sucesso na produção e venda dos calçados de Santa Catarina.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIÁRIO CATARINENSE. **Quem são os Desempregados**. Artigo: Mauro Passos. Caderno de Economia. 21/01/96.
- \_\_\_\_\_. **Indústria de Calçados Conquista seu Espaço**. Análises Setoriais. Florianópolis. 28/01/97.
- FENSTERSEIFER, Jaime. **O Complexo Calçadista em Perspectiva: Tecnologia e Competitividade**. Porto Alegre : Ortiz, 1995.
- GUIMARÃES, Valeska Nahas. **Novas Tecnologias de Produção de Base Microeletrônica e Democracia Industrial**. (Tese de Doutorado) Florianópolis - UFSC, 1995.
- PICCININI, Valmíria Carolina. **Novas Formas de Organização do Trabalho na Indústria Calçadista**. Revista de Administração da USP. v. 27, n.2, p. 33-40, abr./jun. 1992.
- \_\_\_\_\_. **Tecnologia e Qualificação Profissional na Indústria Calçadista do Vale dos Sinos**. Revista de Administração da USP. v.29, n.1, p. 59-66, jan./mar. 1994.
- RIFKIN, Jeremy. **O Fim dos Empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global do trabalho**. São Paulo : Makron Books, 1995.
- TECNICOURO. Vol. 17, março de 1995.
- TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo : Atlas, 1992.